

1ª JORNADA DE FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO ÉTICA DA UFFS: Dilemas éticos no Serviço Público Federal
Universidade Federal da Fronteira Sul
Comissão de Ética Campus Cerro Largo/RS 22/10/2013

Ética, aporética e direitos humanos: diálogos possíveis e utópicos.

*Giancarla Brunetto**

01. ETHOS E MORUS

Ethos: civilização de um povo. Caráter. Modo de ser **Morus:** costumes, regras, tabus, convenções

02. ÉTICA E MORAL

O homem é um ser moral.

Moral é o conjunto de valores e de normas de um povo situado cultural e historicamente.

Ética é o estudo sistematizado das diversas morais, sobre os pressupostos, objetivos e valores morais que norteiam o comportamento humano em sociedade. Modo de agir das pessoas. Ciência que estuda os valores e os princípios morais de uma sociedade e seus grupos. Procura pelos fundamentos, o que motiva cada um a agir de um determinado modo. **É uma filosofia prática sobre o ser para construir o que deve ser.**

“A Ética surge quando se indaga sobre o que são, de onde vem e o que valem os costumes. Se busca compreender o caráter da pessoa.” CHAUI, M. :2008

VASQUEZ: A Ética constitui um conjunto de princípios com pretensão de universalidade com vistas a avaliar criticamente as diferentes escalas de valores morais

DUSSEL: A Ética é o fundamento da filosofia. A reflexão ética é fundamentalmente crítica.

*Giancarla Brunetto é Doutoranda em Ética e Filosofia Política na Universidade Católica de Braga, Portugal. Mestre em Educação com Indicação de Louvor/UFRGS. Especialista em Direitos Humanos/UFRGS/Escola Superior do Ministério Público da União. Graduada em Filosofia/PUCRS. Idealizadora e professora colaboradora do Curso de Especialização Ética e Educação em Direitos Humanos/UFRGS. Coordenadora da Liga dos Direitos Humanos, do Cinedebate e do Projeto Itinerante de Capacitação para Defensores em Direitos Humanos. Escritora, cineasta documentarista e produtora cultural. Faz roteiros, produção e direção de vídeos relacionados à educação e direitos humanos Roteirista e produtora de séries radiofônicas premiadas. Principais áreas de atuação: Direitos humanos, ética e educação em direitos humanos, direitos humanos e utopia, combate à violência institucional.

03. O AGENTE MORAL

Senso moral: são os sentimentos morais, o modo como avaliamos a nossa conduta e a dos outros segundo ideias de justiça/injustiça, bem/mal

Consciência moral: as avaliações de conduta que levam o agente moral a tomar decisões, a agir em conformidade, a ser responsável pelas consequências das ações

Norma moral: A obediência se faz mediante a convicção íntima de cada um, sem um código explícito e formal. É de ordem subjetiva, com a liberdade de escolha individual

04. DIFERENTES PERSPECTIVAS

NA GRÉCIA Ética naturalista, racionalista, política, pública / O bem é o Ser / a totalidade / o Cosmos / A Virtude (virtus) **NATURAL**

SÓCRATES A concepção do bem e do mal

PLATÃO A elevação da alma / a dimensão metafísica / a virtude do homem está em ser um bom cidadão, justo / a virtude como liberação das paixões.

“Mênnon: - Creio que a coragem é uma virtude, assim como também a inteligência, e a sabedoria, a generosidade, e muitas outras.

*Sócrates: - Estamos a caminhar inutilmente em volta do mesmo ponto, caro Mênnon! Procurando uma virtude, vamos encontrar muitas virtudes, mas não descobrimos ainda a virtude, que abrange as demais”. PLATÃO, *Mênnon**

ARISTÓTELES O homem na polis / a virtude: cultivar a justa medida. Nada em demasia na busca pela felicidade. **Apathéia:** aceitar o que acontece

*“A virtude é, pois, uma disposição de caráter relacionada com a escolha e consistente numa mediania, isto é, a mediania. relativa a nós, a qual é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática. E é um meio termo entre dois vícios, um por excesso e outro por falta; pois que, enquanto Os vícios ou vão muito longe ou ficam aquém do que é conveniente no tocante às ações e paixões, a virtude encontra e escolhe o meio-termo. E assim, no que toca à sua substância e à definição que lhe estabelece a essência, a virtude é uma mediania; com referência ao sumo bem e ao mais justo, é, porém, um extremo”. ARISTÓTELES: *Ética a Nicômaco*.*

ESTOICISMO/ SÊNECA A natureza como referência para a moral. Viver de acordo com a natureza e a razão. Universo e a razão universal. A prudência como a maior virtude:

"Quem possui a prudência guarda também a temperança; quem é temperante é constante; quem é constante não se perturba; quem não se perturba não tem tristeza; e quem não é triste é feliz".

“XIV - 1. Devemos igualmente mostrar docilidade e não ser escravos demais das resoluções que tomamos; ceder de boa vontade à pressão das circunstâncias e não temer mudar, seja de resolução, seja de atitude, contanto que não caiamos na versatilidade, que é de todos os caprichos o mais prejudicial à nossa tranquilidade. Porque se a obstinação é inevitavelmente inquieta e deplorável, visto que a fortuna lhe arranca a todo momento qualquer coisa, a leviandade é ainda muito mais penosa, porque ela não se fixa em nada. Estes dois excessos são funestos à tranquilidade da alma: recusar-se a toda alteração e nada suportar.”

2. É preciso, finalmente, que nossa alma, renunciando a todos os benefícios exteriores, se recolha inteiramente em si mesma: que ela só confie em si e só se alegre consigo, que ela só aprecie seus próprios bens, que ela se afaste o mais possível dos estranhos e se consagre exclusivamente a si mesma, que os prejuízos materiais a deixem insensível e que ela chegue mesmo a encontrar um lado bom nas suas desgraças.”

SÊNECA: *Carta a Lucílio*.

EPICURISMO/ EPICURO Bem viver é buscar o prazer espiritual. **Ataraxia:** desviar da dor e buscar a paz de espírito

CRISTIANISMO O mito do Pecado Original / a ideia da salvação / ética da interioridade/ O bem é externo: Deus / o caminho é a obediência / dicotomia corpo e alma / os valores são universais, imutáveis, absolutos **O SAGRADO**

AGOSTINHO ordem (ontológico) e fim (ético)

SANTO TOMÁS o agir ético / a estrutura da vida ética

BLAISE PASCAL

“A verdadeira e única virtude consiste, pois, em odiar a si mesmo (porquanto somos odiosos pela concupiscência) e em buscar um ser realmente amável para amá-lo. Mas, como não podemos amar o que está fora de nós, cumpre-nos amar um ser que esteja em nós, e que não seja nós, e isso é certo para todos. Ora, somente o ser universal assim é. O reino de Deus está em nós: o bem universal está em nós, somos nós mesmos e não somos nós.”

PASCAL, Blaise. Pensamentos

MODERNIDADE Rupturas (séc. XVII em diante) ética da subjetividade / nasce no subjetivo com uma perspectiva universal / destrói a concepção metafísica da Ética / busca uma linguagem moral **CULTURAL**

ESPINOZA a ideia de bem a partir do sujeito/ Deus e natureza como uma mesma substância, sob a qual coexistem os mundos físicos e mentais / razão e emoção / A substância / Os afetos – desejo, alegria, tristeza / A beatitude (as coisas singulares são elas mesmas eternas) Algumas emoções compreendidas pela razão, e outras não: a razão não se opõe aos afetos, a razão é um afeto:

“Não rir, nem chorar, mas compreender”. ESPINOZA: Tratado Político

“Não é por julgarmos uma coisa boa que nos esforçamos por ela, que a queremos, que a apetecemos, que a desejamos, mas, ao contrário, é por nos esforçarmos por ela, por querê-la, por apetecê-la, por desejá-la, que a julgamos boa”. ESPINOZA. Ética, parte 3

As decisões da mente nada mais são do que os próprios apetites: elas variam, portanto, de acordo com o seu próprio afeto e, além disso, aqueles que são afligidos por afetos opostos não sabem o que querem, enquanto aqueles que não tem nenhum afeto são, pelo menor impulso, arrastados de um lado para outro. Sem dúvida, tudo isso mostra claramente que tanto a decisão da mente, quanto o apetite e a determinação do corpo são, por natureza, coisas simultâneas, ou melhor, são uma só e mesma coisa, que chamamos decisão quando considerada sob o atributo do pensamento explicada por si mesma, e determinação, quando considerada sob o atributo da extensão e deduzida das leis do movimento e do repouso”.

ESPINOZA, Ética, parte 3

VOLTAIRE A relatividade dos sistemas morais, a impossibilidade de uma moral universal

Para que uma sociedade subsista, é preciso que haja leis, como é preciso haver regras para cada jogo. A maioria dessas leis parecem arbitrárias, dependem dos interesses, das paixões, das opiniões dos que as inventaram e da natureza do clima onde os homens se reuniram em sociedade. Num país quente, onde o vinho torna o homem furioso, julgou-se adequado considerar um crime bebê-lo. Em outros climas mais frios é uma honra embebedar-se. Aqui, um homem deve contentar-se com uma mulher, acolá, é-lhe permitido ter tantas quantas puder alimentar. Num lugar, os pais e as mães suplicam aos estrangeiros que aceitem dormir com suas filhas, em todos os outros lugares uma moça que se entregar a um homem estará desonrada. Em Esparta encorajava-se o adultério; em Atenas, era punido com a morte. Entre os romanos, os pais tinham o direito de vida e de morte sobre seus filhos. Na Normandia, um pai não pode tirar um óbolo sequer dos bens de um filho, mesmo do mais desobediente. O nome do rei é sagrado em muitas nações e abominado em outras. Mas todos os povos que se conduzem tão diferentemente reúnem-se sob o mesmo ponto: denominam VIRTUOSO o que é conforme às leis estabelecidas e CRIMINOSO o que lhes é contrário.

A virtude e o vício, o bem e o mal moral são, portanto, em todos os países aquilo que é útil ou daninho à sociedade; - e, em todos os lugares e em todos os tempos, aquele que mais se sacrificar ao público será considerado o mais virtuoso.

Um irmão que mata seu irmão é um monstro, mas um irmão cujo único meio para salvar sua pátria fosse sacrificar seu irmão seria um homem divino.

Todos os príncipes que tanto mal fizeram aos homens são os primeiros a gritar que Deus deu as regras do bem e do mal. Não há um desses flagelos da terra que não faça atos solenes de religião, mas não vejo que se ganhe muito tendo tais regras. É uma infelicidade ligada à condição humana que, malgrado todo nosso desejo de autoconservação, nos destruamos mutuamente com furor e com loucura. Quase todos os animais comem-se uns aos outros, e na espécie humana os machos se exterminam pela guerra.

Será muito razoável notar como todos esses assassinatos e banditismos são funestos à sociedade e sem nenhum interesse para a Divindade. Deus colocou os homens e os animais sobre a terra, deixando-lhes a tarefa de conduzirem-se o melhor possível. Infeliz a mosca que cair na teia da aranha; infeliz o touro que for atacado por um leão, e infelizes os carneiros que forem encontrados pelos lobos! Porém, se um carneiro dissesse a um lobo: "Faltas ao bem moral, Deus te punirá" o lobo lhe responderia: "Faço meu bem físico, e parece que Deus não se preocupa muito de que eu te coma ou não. O melhor que o carneiro poderia fazer seria não se afastar do pastor e do cão, capazes de defendê-lo".

VOLTAIRE: Tratado de Metafísica. CAP. IX Da Virtude e do Vício

O UTILITARISMO Uma das principais éticas normativas / O princípio do bem-estar máximo ao maior número de pessoas / Avalia a ação por suas consequências/ Moral eudemonista, leva em conta o agente e todos os afetados pela ação / Aritmética moral /

JEREMY BENTHAM A ação é moralmente correta se tende a produzir felicidade um resultado bom pode ser obtido mesmo com uma má motivação do agente / Princípios: o bem estar / o consequencialismo: os atos se medem pelas suas consequências / a agregação (quantidade do bem- estar causado à maioria ainda que em sacrifício de uma minoria) / Universalismo

JOHN STUART MILL O que motiva as pessoas a agirem moralmente é a sanção moral (empatia, sanção interna e com natureza social) / A felicidade é desejável, de forma geral, universal / há um ideal moral

KANT E O CRITICISMO O que importa é o motivo. Qual é a base moral dos direitos? A teoria kantiana critica o utilitarismo. A moral não diz respeito ao aumento da felicidade mas no respeito às pessoas como fins em si mesmas. A moralidade não deve se basear em considerações empíricas: interesses / vontades / desejos (fatores contingentes)

Busca atingir o princípio supremo da moralidade por meio da pura razão prática. Nossa capacidade de pensar, raciocinar está intimamente ligada à nossa capacidade de sermos livres. Suprir satisfações não é o mesmo que fazer uma escolha livre

"O céu estrelado por sobre mim e a lei moral dentro de mim" KANT

Heteronomia (obediência de acordo com determinação exterior, somos instrumentos dos fins)

Autonomia (agir de acordo com a lei que imponho a mim mesmo, por escolha livre. Se não há autonomia, não pode haver responsabilidade moral)

Dignidade (exige que tratemos as pessoas como fins em si mesmas. O valor moral de uma ação não reside em suas consequências, mas na **intenção** com a qual é realizada. O **motivo**, algo cujo valor lhe é inerente)

Uma ação moral só tem **valor moral** se for motivada pelo **dever**.

Imperativos categóricos. Universalização da máxima:

"Aja apenas segundo um determinado princípio que deveria ser uma lei universal"

"Eu digo que o homem, e em geral todo o ser racional, existe como um fim em si mesmo, e não meramente como um meio que possa ser usado de forma arbitrária por essa ou aquela vontade"

"Aja de forma a tratar a humanidade, seja na sua pessoa, seja na pessoa de outrem, nunca como um simples meio, mas sempre como um fim". KANT

NIETZSCHE Em um pathos da cultura/ O humano / a ínfima vida do ser / a genealogia da moral: o fraco e o forte / não existem noções absolutas de bem e de mal / critica o conservadorismo religioso e a visão de mundo burguesa / as concepções morais são elaboradas pelos homens a partir de interesses humanos / grande parte se acomoda na “moral de rebanho” na submissão irrefletida de valores dominantes

SARTRE A existência precede a essência/ a condenação à liberdade de escolher

GUY DEBORD E A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO *“A liberdade ditatorial do mercado, temperada pelo reconhecimento dos direitos do homem espectador”*. O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas *uma relação social entre pessoas, mediadas por imagens*. É simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente, é a mercantilização do mundo:

“Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade.” GUY DEBORD

Para DEBORD a sociedade do espetáculo se apresenta de três formas: **o espetáculo difuso** (as relações burguesas, as sociedades de mercado, capitalistas), **o espetáculo concentrado** (próprio dos regimes autoritários, de controle, como foram o nazismo, o facismo e o stalinismo) e **o espetáculo integrado** (constitutivo das sociedades industriais, tecnológicas, da fusão econômico-estatal).

Na sociedade espetacular, que dispõe dos múltiplos canais de comunicação e de redes tecnológicas, o que realmente importa, é o oculto. O espetáculo se afirma na sociedade e no Estado liberal pelo desaparecimento da opinião pública, ou “a mentira sem contestação”, nos campos da política, da arte, do direito, a alienação das subjetividades, das identidades. O sono que nunca acaba, pelo adestramento do pensar, que proporciona um não-pensar. Uma existência condicionada à submissão das normas espetaculares leva à supressão da personalidade, à não-autenticidade, a pressão do mass-media que conduz ao irracional”.¹Os sujeitos deixam de ser sujeitos, ao tornarem-se espectadores. O observador observa, não re-age, portanto, não transforma. É o espectador que sustenta o espetáculo.

“Aquilo de que o espetáculo deixa de falar durante três dias é como se não existisse. Ele fala então de outra coisa, e é isso que, a partir daí, afinal, existe”. GUY DEBORD

ÉTICA E APORÉTICA: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Para HABERMAS, na ideologia tecnocrática, ao mundo da vida se contrapõe o mundo sistêmico, com a despolitização das massas.

O CONSTRUTIVISMO MORAL E A ÉTICA DO DISCURSO/HABERMAS Teoria sobre o sentido discursivo dos enunciados morais / a linguagem como o objeto de investigação, sob quais condições se pergunta sobre o que é o bem, o que é justiça. / Entende-se por discurso a comunicação a partir de uma problematização que chega a um consenso livre e racional por meio de uma argumentação. Para HABERMAS, a ÉTICA se ocupa de quem se É e quem SE QUER SER ao longo da vida. A MORAL se refere ao que se DEVE FAZER OU DEIXAR DE FAZER com relação aos outros. Projetar o que é bom para mim (dimensão ética) com respeito e igual liberdade de uns para com os outros (dimensão moral). A Ética do discurso é cognitivista, formal, universalista e procedimental.

Para que um **discurso moral** seja válido, quer dizer, para que o eventual consenso que ele obtenha ao final tenha realmente valor racional, é preciso que esse discurso tenha ocorrido sob certas condições. Essas condições são: a) **racionalidade**: para cada afirmação feita e problematizada, é preciso oferecer argumentos em sua defesa b) **inteligibilidade**: é preciso que ambos os falantes estejam compreendendo da mesma forma e na mesma medida o sentido das afirmações e dos argumentos que estão sendo usados c) **sinceridade**: é preciso que sejam sinceras as revelações sobre crenças, desejos e necessidades no mundo subjetivo de cada falante d) **verdade**: é preciso que sejam verdadeiras as afirmações feitas sobre fatos e leis no mundo objetivo que os falantes habitam e) **correção**: é preciso que sejam corretas as afirmações sobre normas e ações no mundo social que os falantes compartilham

Princípio D "São válidas aquelas normas que puderem receber assentimento de todos os afetados num discurso racional". O Princípio D exige que só se aceitem como corretas as normas que possam obter o assentimento de todos os afetados num discurso racional e, ao mesmo tempo, estabelece que dizer que uma norma é correta é dizer que ela seria capaz de ser objeto de um consenso de todos os afetados.

Princípio U exige que só se aceitem como válidas (moralmente) as normas que puderem receber o assentimento de todos os afetados num discurso racional depois de levados em conta, tanto da perspectiva de todos como de cada um, os efeitos de sua observância geral para os interesses dos afetados.

RELATIVISMO MORAL/ “Vale tudo” / O ceticismo ético / sociosubjetivismo / a moralidade por interesse próprio /

O EGOÍSTA RACIONAL A cooperação fundada em motivos de interesse próprio
ROBERT AXELROD, The Evolution of Cooperation, 1984

HANS KELSEN A futilidade de estabelecer um padrão absolutamente correto para o comportamento humano / a ilusão da justiça absoluta / a ilusão da racionalidade / A validade dos juízos morais depende das circunstâncias pessoais, espaciais e temporais que não fazem parte desses juízos.

CONSERVADORISMO MORAL tradicionalismo moral / liberalismo moral / necessidade de reconhecer direitos individuais / o princípio da autonomia pessoal / a não interferência do Estado / o direito à segurança da pessoa / o princípio da inviolabilidade da pessoa / individualismo: indivíduos independentes / interesses próprios / defesa do mercado e propriedade privada / o bem comum não deve infringir os direitos individuais básicos / Estado mínimo / nenhuma legislação sobre a moral / rejeição a tudo o que viola a liberdade individual / **A PESSOA É A ÚNICA PROPRIETÁRIA DE SI MESMA**

BAUMAN A crise da ética nos tempos modernos se dá pela discrepância entre o excesso de poder, por um lado, e a escassez, do outro lado.

FÁBIO KONDER COMPARATO Sobre os 25 anos da Constituição do Brasil de 1988: há uma aparência democrática que consolida a burocracia e a oligarquia / A oligarquia é a única constante inabalável, em grande parte como fruto de quatro séculos de escravidão no Brasil. / Para romper o bloqueio oligárquico são necessárias mudanças na mentalidade social e uma mudança institucional / A democracia representativa é uma farsa no Brasil, assim como a democracia direta. Exemplifica:

No Art. 14 CF 1988, o plebiscito e o referendo são manifestações da soberania popular, mas o povo só tem direito de se manifestar em plebiscitos e referendos mediante autorização e convocação do Congresso Nacional. / **O MANDANTE SÓ PODE SE MANIFESTAR SE O MANDATÁRIO LHE DER AUTORIZAÇÃO**

POVO como espectador / não é um povo soberano

“O espírito oligárquico, ou seja, a dominação da minoria, permeia toda as associações e grupos organizados no Brasil. Sindicatos, partidos, universidades, associações de classe são oligárquicas”
COMPARATO

FUNDAMENTOS PARA UMA NOVA ÉTICA: o outro na dimensão individual e coletiva / o parâmetro é o **Outro**. Partindo de uma perspectiva pluridimensional, percebem-se múltiplas possibilidades de interpretar, compreender e, sobretudo, estabelecer relações entre as pessoas em uma determinada cultura, tempo e lugar. Essa pluralidade está presente nas manifestações humanas mediante crenças, valores, ações, mas também quando essas manifestações são interditas mediante crenças, valores e ações de outras pessoas. Paradoxalmente, se a pluralidade é ameaçada por outra pluralidade, o pluridimensional seria abduzido pela sombra do unidimensional, do dogma. Então, vivenciar a pluralidade é muito mais difícil e complexo do que se possa anunciar. É uma questão de estabelecer modos de convivência de respeito ao outro como sendo o outro.

Os direitos humanos são uma espécie de direitos morais e proveem razões justificadoras para decisões tomadas por órgãos legais

“Surgiu assim o problema de como o homem, se tem de viver numa pólis, pode viver fora da política. Esse problema, que por vezes apresenta uma estranha semelhança com a nossa própria época, muito rapidamente se converteu na questão de como é possível viver sem pertencer a nenhuma comunidade politicamente organizada, vale dizer, em condições de apolitismo ou o que hoje diríamos em condição de não-cidadania. Ainda mais sério foi o abismo que imediatamente se abriu, e desde então nunca mais se fechou, entre pensamento e ação. Todo pensamento que não seja o mero cálculo dos meios necessários para se obter um fim pretendido ou desejado, mas se ocupe do significado no sentido mais geral, veio a desempenhar o papel de um “pós-pensamento”, isto é, um pensamento posterior à ação que determinou a realidade. A ação, por sua vez, foi relegada à esfera sem significado do aleatório e do fortuito” HANNAH ARENDT, A Promessa da Política

PERSPECTIVA UTÓPICA a transformação de uma determinada realidade:

“A utopia pode prestar hoje um serviço, num tempo em que a sociedade tem muitos meios e poucos objetivos; penso concretamente na utopia do debilitamento do Estado, nos grandes autores liberais, nos anarquistas, no Lenine do Estado e Revolução; efetivamente, por meio da utopia do fim do Estado – pelo menos do Estado repressivo tal como hoje o conhecemos, sonhamos com a reconciliação da política com a amizade. Sim, sonhamos com um Estado que seja apenas o administrador das coisas e o educador das pessoas na liberdade. Esta utopia é vital para o próprio destino da política, é o que lhe dá a sua finalidade, a sua tensão, a sua esperança”
PAUL RICOEUR, Perspectivas Teológicas

- A NECESSIDADE ALHEIA ESTÁ OU NÃO ESTÁ ACIMA DO MEU DIREITO FUNDAMENTAL DE FAZER O QUE EU BEM ENTENDER COM AQUILO QUE EU POSSUO?

- QUAL É A INTERRELAÇÃO ENTRE ÉTICA, DEMOCRACIA E CIDADANIA?

- O PÚBLICO, O SERVIDOR PÚBLICO E O SERVIDOR DO PÚBLICO?

COMO ROMPER O BLOQUEIO OLIGÁRQUICO

- A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ÉTICA: CÓDIGOS, COMITÊS, COMISSÕES, POLÍTICAS PÚBLICAS

O JULGAMENTO MORAL

O LEITOR (Dir. Stephen Daldry, EUA/Alemanha, 2009, baseado no livro de Bernhard Schlink). O quanto a verdade ou a moralidade são fundamentais? Quem é autor da verdade? A sociedade é guiada por que valores? Até que ponto podemos intervir no curso dos eventos que se desencadeiam ao nosso redor?

<http://www.youtube.com/watch?v=f5hLug1szlw>